

ENTREVISTA / EMÍLIO DOMINGUES, CINEASTA

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Semanas depois de botar o circuito carioca para dançar com “Black Rio! Black Power!”, Emílio Domingos tira do forno um documentário quentinho para o Festival do Rio imergir na criação de um dos LPs mais seminais da MPB: “Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius”.

Com sessão nesta quarta (9), às 19h, no Estação NET Botafogo 1, e quinta, às 18h30, no Estação NET Rio 3, o longa-metragem parece seguir por um caminho bem diverso dos painéis edificadas entre o lirismo e a antropologia pelo cineasta em títulos como “A Batalha do Passinho: O Filme” (2012) e “Favela É Moda” (2019).

A conexão sociológica entre eles, contudo, é indisfarçável, a julgar pela triagem de expressões da ancestralidade africana e sua depuração em novos ritmos e novas estratégias de sobrevivência.

O marco zero do filme é o ano de 1966, quando lojas de disco recebem o trabalho fonográfico de sinergia de Vinicius de Moraes (1913-1980) e Baden Powell (1937-2000) chamado “Os Afro-Sambas”. Participantes da gravação original, críticos, amigos e familiares dos músicos revivem a criação dessa obra-prima.

Filmada entre Salvador e Rio, a produção reúne imagens de arquivo e entrevistas exclusivas com Maria Bethânia, Dori Caymmi, Russo Passapusso e Nelson Motta. Na vitrola do Correio da Manhã, Emílio solta seu som:

O que o disco dos Afro-Sambas revela sobre o lugar da ancestralidade preta/negra na música brasileira e de que maneira essa

‘É uma viagem radical pelo espaço mais clássico da MPB’

Divulgação



O cineasta carioca Emílio Domingos dirige ‘Os Afro-Sambas, o Brasil de Baden e de Vinícius’

muito diferente, oriundo de São Cristóvão, que traz uma forma de tocar mais enérgica. É um disco que veio cercado de expectativa e aponta muitos caminhos. Foi importante não por número de vendas, mas pela quantidade de pessoas que influenciou. É um disco em que Vinícius faz uma viagem por um universo lírico que não é comum a ele nem à Bossa Nova, falando de candomblé e umbanda. É uma viagem radical, que recebeu críticas por suas letras, mas aponta muitas trilhas para o que virá a ser o epicentro do Tropicalismo, já se aproximando da Bahia. Essa musicalidade afro-baiana é apontada ali, sob a influência de Dorival Caymmi. Quando o país foi escutar Caetano, Gil e Gal, logo na sequência, já havia uma familiaridade.

De que maneira essa pesquisa histórica conversa com as suas investigações musicais anteriores? Qual é a linha antropológica que une esses filmes?

Esse filme abre uma nova

frente para o meu trabalho, pois embora eu continue falando de música, e música negra, por meio da figura de um artista da Zona Norte, como Baden, eu saio do espaço contemporâneo, do soul, funk e hip hop, para ir um espaço mais clássico da MPB. O eixo aqui é a afirmação de uma cultura, se pensarmos nas pesquisas de Baden que ele desenvolve nesse disco. É um LP que foi sampleado por vários artistas do hip hop e ficou cultuado no exterior. O disco do Marcelo D2, “Eu Tiro É Onda”, tem sampler dele, trabalhando o “Canto de Ossanha”.

Como foi idealizada a produção desse seu novo .doc?

Os produtores desse filme são os mesmos de “Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você”, a Renata Leite e o Diogo Pires Gonçalves. Foram eles que me convidaram para esse projeto, que foi feito para entrar no streaming, na Max, mas ganha estreia mundial agora no Festival do Rio.

herança segue materializada em nossos sons?

Emílio Domingos: O “Afro-Sambas” insere na MPB, com profundidade, a percussão afro-brasileira. Vinícius já era um artis-

ta consagrado pela Bossa Nova e, com esse disco, sua música dá um passo em direção aos terreiros de candomblé. Marca a chegada de Baden, um gênio do violão, ainda prodígio, com um estilo de tocar